

Seres Enigmáticos, Porém, Supra-Sensíveis.

Camila de Carvalho Vieira
camiscvieira@hotmail.com
Universidade Estadual de Londrina.
Vanessa Tavares da Silva
vanessa.tavares@gmail.com
Universidade Estadual de Londrina

RESUMO: Esta apresentação é parte de uma pesquisa em poéticas visuais para o trabalho de conclusão de curso de Educação Artística da Universidade Estadual de Londrina. Trato do meu processo de criação a partir de manchas coloridas, trazendo à tona formas e figuras imaginárias. Partindo daí, busco referências artísticas e históricas investigando vertentes mais amplas a respeito da criação de seres irreais e fantásticos, contextualizando a minha produção e criando também reflexões acerca de meu processo de criação. Para tanto, temos por intuito investigar o fazer artístico através de diferentes suportes relacionando-os com minha própria subjetividade e automaticidade.

PALAVRAS CHAVE: Manchas, o fantástico, imaginação, processo de criação, subjetividade.

ABSTRACT: This presentation is part of a research in visual poetics to the conclusion work of the Artistic Education course from the State University of Londrina. My creational process begins from colorful spots that lead to shapes and imaginary figures. Starting from that, I search for artistic and historic references investigating trends more extensive about the creation of unreal and fantastic creatures, contextualizing my production and also, creating reflections about my creational process. Therefore, the intention is to investigate the artistic work through different basis relating to my own subjectivity and instantaneousness.

KEY-WORDS: Spots, the fantastic, imagination, creational process, subjectivity.

Introdução

Este artigo trata de um processo de pesquisa em criação artística, no qual evidencio meu fazer poético a partir da produção de manchas para posteriormente criar formas e seres imaginários que se originam desta composição. Com tal processo, busco um fazer artístico livre de conceitos definidos, valorizando principalmente minha subjetividade e minha forma de perceber o mundo. Comecei a desenvolver este processo a partir da produção de manchas em uma das aulas de desenho e pintura, do curso de Educação Artística da Universidade Estadual de Londrina, e não parei mais. Tais manchas despertavam em mim um profundo encantamento; ficava deslumbrada com a reação da tinta colorida sobre o papel molhado; encantava-

me o modo como as cores deslizavam sobre o mesmo, se entrelaçando e compondo novas cores e formas. Com o passar do tempo, aquelas manchas me encantavam de um modo tão intenso que me instigava profundamente - não apenas as novas cores que proporcionavam, mas também as várias formas resultantes - meus olhos eram apreendidos pelas sinuosas obtidas.

Passei a olhá-las de uma forma mais apurada, mais concentrada, com objetivo de criar algo sobre aquelas belas manchas abstratas. Já não me contentava apenas a beleza estética das mesmas e sim o que poderia surgir a partir delas. Por conseqüência, poderia criar um universo fantástico e imaginário, lidando o tempo todo com o acaso.



Processo de construção de manchas. Látex sobre lona, 2009.

Figuração sobre manchas:



"Da mancha ao caos, do caos á mancha". Nanquim sobre papel. 2006. Camila C.Vieira.

Poderia criar um universo imaginário justamente porque as manchas seriam meu viés para esta descoberta e investigação. As manchas seriam este elo entre a figuração e a abstração, entre imaginação e realidade. Portanto, ao

associar uma mancha abstrata com traços, almejava criar um repertório de “seres” que lidassem com o olhar que lançamos para a composição, justamente pelo fato de termos esta necessidade de interpretar as formas abstratas atribuindo significado para as mesmas. Esta interpretação de formas não se restringe apenas a trabalhos em artes plásticas; vários escritores, pensadores e psicólogos, por exemplo, refletem sobre tais questões. Além de Rorschach (1844 -1922), podemos analisar o conceito de interpretação de manchas também presente no trabalho do escritor e dramaturgo Victor Hugo (1802-1885) e de Henri Michaux (1889 -1984), também escritor e artista plástico.

Embora tais trabalhos partam do mesmo princípio que utilizo em minha investigação poética, ou seja, a mancha, tanto na psicologia quanto nos exemplos mencionados, atribuo para minha pesquisa um outro desdobramento não referente a questões patológicas, como no caso das manchas de Rorschach, nem mesmo aos experimentos de Michaux e Victor Hugo.

Após citá-los como possíveis referências, passei a buscar na história da arte, de forma geral, artistas ou movimentos artísticos que dialogassem a respeito da produção de manchas ou que trabalhassem com a criação de seres fantásticos e irreais. Constatei então, que a representação destes seres, existia desde meados da era grega, com representações de faunos, ciclopes, minotauros ou divindades consideradas “estranhas” para os cânones de beleza da época, bem como as representações da era medieval, com os trabalhos de Hieronymus Bosch, representando o belo-monstruoso. Hieronymus enriquecia sua fauna infernal com combinações bizarras da anatomia humana de animais irracionais, por vezes com objetos inanimados. Este gosto de Bosch pelos monstros corresponde exatamente ao gosto reinante na sua época, geralmente fascinada pelo grotesco e pelo anormal. De fato, estas representações estranhas muitas vezes foram interpretadas como sinais de calamidades que aconteceriam em tempos próximos e como avisos de catástrofes. As assim chamadas obras grotescas, nas quais o pintor, despreocupado com a verdade e semelhança, se entregava a uma imaginação selvagem, através do sobrenatural e do contra-senso dos seus produtos cerebrais, tentava despertar com eles apenas gargalhadas, nojo e surpresa pela audácia de suas criações monstruosas.

Além das obras grotescas que apresentavam este caráter do irreal, pude encontrar também a criação de seres fantásticos no movimento surrealista de 1924. Segundo seus principais representantes, a arte surrealista deveria se libertar das exigências da lógica e da razão e ir além da consciência cotidiana, expressando o inconsciente e os sonhos. Enfim, não estava interessada nas questões ideológicas do surrealismo e sim em suas premissas do automatismo e do subconsciente.

Manchas Em Contexto

Este processo de contemplação das manchas com o intuito de recriar formas a partir das mesmas, também estavam presentes na poética de vários artistas como, Max Ernst, Joan Miró e Leonardo da Vinci. Tais artistas partiam da mancha como questão, observando borrões de tinta acidental, madeiras, paredes, nuvens, e etc. Da Vinci, por exemplo, utilizava muitas vezes este método enquanto pintava suas paisagens, dizendo que tal contemplação serviria para “acelerar o espírito de invenção”. No livro, *Arte e Ilusão*, Gombrich destaca a seguinte frase de Da Vinci:

“Você deve olhar para certas paredes manchadas de umidade ou para pedras de cor desigual. Se tiver de inventar fundos no quadro, poderá ver nessas paredes e pedras a semelhança de paisagens divinas, adornadas com montanhas, ruínas, rochedos, florestas, grandes planícies, colinas e vales da maior variedade. Poderá ver nelas também batalhas e estranhas figuras em ação violenta, expressões de fisionomias, e roupas, e uma infinidade de outras coisas, que poderá completar e reduzir suas formas próprias. Acontece com as paredes o mesmo que com o som de sinos: é possível ouvir a cada badalada a palavra a se imaginar”.

(LEONARDO DA VINCI Apud GOMBRICH, pág: 164)

Assim como tais artistas que analisavam as manchas como uma contemplação, minha pesquisa me exige uma concentração tremenda, uma disciplina, e um grande desafio. Uso o termo desafio porque em cada nova mancha que produzo, independentemente do suporte que eu utilize, novos resultados obtenho. Para cada nova mancha, um novo olhar tende a ser lançado sobre elas, tentando desvendá-las, apreendê-las. Para cada trabalho, meus olhos são forçados a enxergar algo além das manchas. Por consequência, tenho a possibilidade de criar sempre trabalhos novos, porque

nunca uma mancha será idêntica à outra. Cada composição me possibilita um novo encantamento, tal é a pujança (força) que a obra me apresenta, evidenciando que meu processo pode ser infinito e sem fronteiras. Todavia, com o passar do tempo busquei olhar para a vida da mesma forma que olhava para a arte, passei a enxergar formas e gestos no ambiente exterior do mesmo modo que encontrava em minhas manchas. Não bastava apenas olhar para uma bela mancha e dizer que a mesma possui vida-extra se não olhar para o próprio mundo e afirmar que nele também existem manchas e formas. Tais formas nascem do acaso, ou seja, das múltiplas possibilidades – dos conflitos e dos embates, das ressonâncias e dissonâncias.

O que seria de meus olhos se observasse nuvens no céu e não enxergassem formas? Ou mesmo manchas nas paredes e nas calçadas, musgos de árvores, pedras, manchas de azulejos e madeiras? Talvez se não lançasse este olhar para o mundo, a arte não teria o menor sentido. Este processo de vivificar tudo também faz (ia) parte das concepções da artista Eli Heil e também de Joan Miró, onde os mesmos afirmam:

[...] “Eu gosto de pedra que seja alguma coisa. Quando eu viajo, as pedras para mim tem formas, tomam até forma de boi, cavalo, tudo tem forma. As árvores também. Qualquer pessoa pode olhar, e não ver nada. Agora para mim não, as árvores são gente. Ai! Como vejo olhos, como vejo tudo!, às furnas, às caras (que, como projeção da artista, possuem olhos) , ao morro, aos sóis, às gotas, às manchas, às nuvens. A vida, o bater do coração está presente em seus pensamentos”. (ELI HEIL Apud JANDIRA LORENZ, pág: 51).

(...) “Para mim, uma árvore não é uma árvore, algo que pertença à categoria do vegetal, mas uma coisa humana, alguém vivo. Uma árvore é um personagem; um personagem que fala que tem folhas. Até mesmo inquietante. Às vezes ponho um olho e uma orelha nas árvores. É a árvore que vê e que ouve”. (JOAN MIRÓ Apud GEORGES RAILLARD, pág: 56)

Desta forma, passei a olhar para o mundo com olhos diferentes. Passei a enxergar o que não via antes - valorizar um simples olhar, um simples gesto. O mundo me vinha à tona de forma diferente: compreendia que em qualquer lugar, em qualquer ambiente eu poderia olhar atentamente e criar uma nova percepção – recriar o contexto. Poderia olhar para algo precário e lhe atribuir sentido.

Como dito anteriormente, esta atitude, a atribuir significado a elementos comuns nunca foi uma novidade, vários artistas trabalharam com estas questões da imaginação. Leonardo da Vinci, por exemplo, admirava as manchas das paredes para criar suas paisagens; Joan Miró se concentrava nos singelos pingos de tinta e também nas paredes de seu ateliê para criar suas “alucinações”; Hieronymus Bosch atribuía olhares para suas árvores; Max Ernst afirmava existir formas e gestos em seus painéis de madeira; Eli Heil atribui vida para as pedras, e assim por diante.

Portanto, foi com tais objetivos que passei a olhar para o mundo, tentando identificar formas que fossem reveladoras e a partir das quais pudesse ampliar os sentidos. Passei a observar atentamente as paredes, as calçadas e ruas, as nuvens, os azulejos dos banheiros, as tábuas de madeira, e etc. Enfim, comecei a fazer um levantamento de imagens, através da fotografia, sendo esta também uma possibilidade, a partir da qual pudesse interferir.

Diálogos

Após pesquisar a respeito da produção de manchas e da criação de seres imaginários, passei a buscar como referência artistas contemporâneos que dialogassem de certa forma com tais premissas e que pudessem ser referências para meu trabalho. Foi então que descobri o trabalho das artistas Eli Heil (1929), e de Sara Ávila (1932), ambas brasileiras. Desde que conheci seus respectivos trabalhos, tive uma afinidade muito grande, pois, estavam refletindo a respeito das mesmas questões que eu desejava pesquisar. Dialogavam sobre as cores, sobre composição a partir de manchas, sobre espontaneidade, sensibilidade, arte imaginária entre outros.

Pelo trabalho de Eli Heil, senti um encantamento imediato. Seu trabalho me possibilitou concluir que eu não estava sozinha nesta caminhada de investigação acerca da criação de seres imaginários. Em um de seus depoimentos a artista afirma que logo quando começou a produzir, “suas criações eram tantas, que as via nascer de dentro de seu próprio corpo” (ELI HEIL Apud JANDIRA LORENZ, pág: 33,1985). Portanto, passou a produzir compulsivamente através de vários suportes; realizava desenho, pintura, cerâmica, poema, escultura - todos com o intuito de expressar seus próprios sentimentos. Através de alguns relatos a mesma afirmou: *“Parece que estou*

captando através dos músculos, veias, o sofrimento de fora (...) Será que minha sensibilidade já é doentia? Ou é fruto da profundidade que, para chegar ao mundo maravilhoso, tem que passar pela serpente?" (ELI HEIL Apud JANDIRA LORENZ, pág:41, 1985.).

Este mundo maravilhoso ao qual a artista se refere diz respeito aos seres imaginários que a mesma cria e recria; personagens e bichos que ela tanto ama, seres e mais seres que nascem de um contínuo renascer de suas idéias individuais e inconscientes. Eli Heil descarrega seus sofrimentos e alegrias na criação de seus "seres", onde a mesma não representa e sim, acaba trazendo à tona um novo mundo, criado a partir de certas referências. Assim, cria os seus pássaros, galinhas, vacas, bois, cavalos e etc, animais que fizeram parte de seu universo infantil.

Encantei-me quando a mesma afirma buscar referências em seu universo infantil/ lúdico para criar seu imaginário, pois, este pensamento ia de encontro com a forma como lido em meu processo de criação. Em seu trabalho, a cor torna-se um elemento fundamental, pois, a partir dela é que suas manchas ganham contexto. Com ligeiros traços, a artista consegue desenvolver formas iniciais para posteriormente deixar que sua imaginação domine toda a composição.

Meu trabalho parte talvez do mesmo processo, ou ainda, de um processo de criação semelhante no qual a cor torna-se elemento indispensável. Quanto mais cores utilizo, maiores são as possibilidades que encontro, já que as várias misturas me entregam a novas formas e novas possibilidades de criação desse mundo fantástico, no qual, quanto mais cores utilizo, mais complexas se tornam minhas manchas / formas / seres. Assim como Eli, não prevejo as cores, não atribuo significado para as mesmas, porém, elas são de extrema necessidade para o meu trabalho. Tanto em meu trabalho como no de Eli, a composição de manchas coloridas é de fundamental importância, pois, a partir das mesmas, criamos nossos repertórios de seres e de símbolos individuais. Através das manchas e de nossa subjetividade deixamos vir à tona um universo infinito de figuras que nascem do acaso. Às vezes as composições que formulamos dentro de um papel ou outro suporte manchado é tanta que acabamos exigindo do espectador um olhar atento e aguçado porque, a cada novo olhar lançado para tal espaço, infinitas são as possibilidades que o

mesmo exige; a cada novo olhar, novas figuras e formas serão vistas e analisadas dependendo do ponto de vista do espectador e da bagagem cultural e vivencial que o mesmo carrega consigo. Portanto, cada composição tem sabor de coisa nova, de recém-gerada tanto para aquele que produz quanto para aqueles que contemplam.

Com o trabalho da artista Sara Ávila, encontrei outra questão de interesse para o meu trabalho. Ao contrário das manchas, tanto no meu processo de criação, quanto no de Eli Heil - trabalhamos e interferimos com linhas - entregando as formas imaginárias prontas ao espectador em uma frenética composição de seres, nem sempre evidenciamos a questão inicial das manchas para ser analisado o processo de execução das mesmas. Sara faz justamente o contrário. A artista entrega as manchas prontas para o espectador que será o responsável por desvendá-las, atribuindo significado ou simplesmente não atribuindo sentido algum. Em sua obra, o espectador é o responsável por fruir suas imagens, e a partir disso, poderá interpretar da forma que lhe faça sentido. Para alguns, elas podem ser simples manchas cromáticas, mas para outros, são manchas carregadas de informações e figuras.

Porém, uma das principais diferenças entre meu trabalho e o da artista são as cores monocromáticas que ela utiliza, sendo principalmente tons marrons e sépias ao contrário do colorido exacerbado presente em meu trabalho. Sobre as cores a artista diz que quando a cor é muito viva, os olhos dos espectadores se concentram especificamente nas mesmas ao invés de se ater ao restante da composição. Por este motivo, quando a mesma elimina as cores a ambigüidade de suas formas ganha maior força. Deste modo, afirmou:

(...) “Mas se deixo esta atmosfera neutra, sépia cor marrom-terra, ela nos envolve, mas conduz á introspecção, á indagação, leva-nos para dentro, onde as coisas se transmutam, trabalhando o inconsciente onde não há lógica, nem espaço, nem tempo. Seu pensamento transporta-o para outra dimensão, atemporal, tanto voltando séculos atrás quanto indo para o futuro”. (SARA ÁVILA, pág: 37.2001).

Segundo a artista, sua produção em manchas começou como uma experimentação, mas com o tempo passou a ganhar força e gestos. Sara diz ter começado a desenvolver tal pesquisa porque lia muito á respeito de Jung e também á respeito das manchas produzidas por Rorschach. Ela afirma que

“Fazer essas manchas começou a ser uma fonte de descobertas e referências para mim como pessoa, e levou-me ao crescimento e ao autoconhecimento”.
(SARA ÁVILA, pág: 29. 2001).

Sara afirmou em um de seus depoimentos que a função do artista não deveria ser de um contemplador de sua obra, mas sim um recriador. Portanto, produzir manchas para ela, foi à possibilidade de representar seus sonhos de forma inconsciente. Portanto:

“Com as manchas e o inconsciente, caí no surrealismo. Não no surrealismo histórico, ortodoxo, do André Breton em 1924, um surrealismo cheio de manifestos, mas no surrealismo que chamam de eterno, o fantástico, que já fazia parte das antigas épocas inocentes e dos séculos obscuros e que só deixará de existir quando o homem tiver todas as respostas. O surrealismo não se preocupa com as invenções, mas com descobrimentos”.

(SARA ÁVILA, pág 35: 2001).

Analisando estas questões do inconsciente Ávila também reflete à respeito de seu trabalho em relação aos espectadores dizendo que o artista não cria nada, apenas revela o que já foi feito pelo criador. Portanto, quando tocamos no inconsciente das pessoas, nunca saberemos quais serão suas reações. Estas podem apresentar reações positivas como negativas também, justamente porque cada pessoa carrega consigo vivências, sensibilidade e experiências diferentes umas das outras. Sara conta que é comum ver pessoas em suas exposições demonstrando vários pontos de vista, e que isso é de extrema importância para seu trabalho; depende do repertório de cada um para recriar seus trabalhos. Sobre seus quadros a artista falou:

(...) “Eu sei que meus quadros dão medo naquelas pessoas que guardam no subconsciente horrores pessoais, que, somados ao inconsciente coletivo, fazem com que só se vejam fantasmas, ficando com os sentidos perturbados e a visão distorcida. Todos temos os nossos medos, mas quando ultrapassam o limite, tornam-se patológicos”.(SARA ÁVILA, pág: 40 e 41. 2001).

Todavia, evidencia que tais interpretações de seu trabalho vêm mudando com o tempo, pois, segundo a mesma os novos espectadores atualizam e recriam suas imagens atribuindo sentidos de acordo com o repertório particular de cada um, ativando a subjetividade. Portanto, segundo a artista, é uma forma da obra de arte nunca envelhecer, visto que, a partir do

momento que as pessoas transformam seu modo de olhar para o mundo e para a arte, novas leituras serão feitas tornando a obra sempre contemporânea para seu tempo.

Processo De Criação:

Como dito no início deste artigo, comecei a produzir manchas com o único propósito de criar livremente, sem restrições e conceitos pré-concebidos, valorizando principalmente minha percepção. Produzir manchas foi um profundo encantamento, uma libertação para meu fazer artístico. Era encantador observar todo o processo de produção de manchas, onde as mesmas deslizavam sobre o suporte molhado se entrelaçando e se complementando, formando assim novas cores. Era instigador trabalhar com manchas, pois, além das novas cores que obtinha através de suas misturas, obtinha também novas formas e planos surpreendentes. Com o tempo fui percebendo que toda aquela gestualidade exigia algo a mais a partir daquela composição inicial, justamente por que as mesmas me despertavam um sentimento de inacabado. Foi a partir desta sensação de inacabado que passei a enxergar formas nestas manchas, olhava para elas e via que estavam incompletas e que, portanto, deveria agir sobre as mesmas. Ao interferir sobre as manchas fui compondo automaticamente e subconscientemente, um repertório de seres imaginários e fantásticos, seres que habitavam apenas meus sonhos.

Portanto, também era-me encantador ver nascer seres e mais seres através daquelas belas manchas, estas responsáveis pela percepção de meus olhos fazendo com que os mesmos saltassem sobre o papel através de tanta beleza. Cada ser era um elemento surpreendente, que nascia automaticamente e ganhavam vida de maneira fluida. Cada figura que nascia a partir daquelas manchas despertava em mim um sentimento novo, um entusiasmo a mais em continuar criando. Cada figura era um elemento único, autêntico e inexistente em relação a tudo que já havia criado, e em virtude disto, meu entusiasmo dava forças para trabalhar sem restrições. Este processo de figurar sobre as manchas de nanquim surgiu através de formas e gestos bastante simples. Inicialmente, comecei a desenvolver os traços em meu trabalho de forma tímida, mas, com o passar do tempo, tal questão dominava totalmente a

composição. Aqueles traços que anteriormente apareceram em apenas algumas áreas da composição, posteriormente, ocupariam todo o trabalho.

Muitas vezes o resultado que obtinha em desenhar sobre as manchas era tão satisfatório e encantador que minha vontade era a de ver determinadas imagens em grandes dimensões, não vendo restrições em ampliá-las. Em princípio, a forma que encontrei para realizar, neste primeiro momento, foi a de transferir a imagem inicial do papel para a tela. Todavia, ao transferir uma imagem de um lugar para o outro reduzia todo meu processo inicial, nos quais as figuras nasciam do acaso, a partir das manchas, pois, toda a gestualidade que tinha inicialmente se perdia ao transferir o resultado para a tela, um suporte maior. Todo automatismo era perdido nesta nova etapa, justamente porque, ao transferir as figuras para a tela, deveria calcular e estudar para que as mesmas se comportassem de forma parecida no novo suporte, tendo por intuito retratá-las o mais parecido possível com as figuras do desenho inicial. É evidente que não obtive um resultado idêntico ao da composição inicial, mas sim uma espécie de cópia da imagem anterior.

Ao adaptar um desenho para outro suporte, não estava apenas alterando meu processo de execução como também estava simplesmente copiando um trabalho concluído. Ao contrário de trabalhar com a composição de manchas no papel para posteriormente criar sobre as mesmas o figurativo, na tela eu fazia justamente o contrário. Não trabalhava a composição de manchas e sim, o preenchimento de espaços com as cores. Portanto, aquela idéia anterior de manchas fluidas era substituída por cores calculadas e densas que preenchiam os espaços correspondentes a cada um dos meus seres. Mesmo que este processo de transferir minhas figuras do papel para a tela vá totalmente contra o processo inicial de realização das manchas e criação de figuras automáticas, acredito que precisei passar por este rigoroso processo para perder o medo de trabalhar diretamente com minhas manchas em suportes maiores como, por exemplo, a lona. Precisei encarar este “desafio” para encorajar-me a desenvolver meu processo de produção em outros suportes e em outras dimensões visto que, cada material suporta minha produção de manchas de modos diferentes.

Quando trabalho com manchas no papel, a relação que a tinta exerce neste suporte é totalmente diferente dos resultados que obtenho na lona. Ao

manchar o papel, conseqüentemente, devo aceitar o acaso no resultado final da composição, pois, não consigo controlar o efeito imediato que a tinta e a água exercem. Na lona, o processo de execução das manchas se dá de forma diferente, correspondendo às características do próprio material. Por apresentar uma espessura mais rígida que o papel, a lona aceita a água e as tintas em outros modos. Além da mesma não absorver de imediato a tinta, não possibilita um entrelaçamento das cores como no suporte anterior. Trabalhar com manchas na lona exige alguns sacrifícios que não existiam no suporte inicial. Geralmente este processo muitas vezes me “obrigada” a interferir sobre as mesmas; tenho que entrar com o auxílio de um palito ou de um borrifador para tentar manipulá-las, justamente porque elas não deslizam com facilidade sobre o suporte.

Mesmo interferindo sobre tais composições, obtenho um resultado muito satisfatório, pois, as manchas produzidas na lona apresentam características muito distintas do papel. Nelas, o acaso também está presente, mesmo que interfira sobre elas, não posso controlar o efeito do próprio material e do suporte que venha a utilizar. Este processo de trabalhar diretamente sobre as manchas na lona tem sido uma nova etapa para meu trabalho, na qual, os resultados obtidos tem me despertado um profundo sentimento de infinitude, de amplidão, de desafios.

Nunca olharei para uma mancha realizada na lona com os meus olhos que observo aquelas produzidas no papel, justamente porque apresentam características, formas e cores diferentes. Nunca observarei uma única mancha com os mesmos olhos, pois, nossos pensamentos e atitudes mudam constantemente, a cada minuto, então é comum pensarmos e analisarmos as circunstâncias de formas diferentes. Sendo assim, uma mancha poderá se comportar de formas infinitas e muito distintas de acordo com o olhar que lanço sob as mesmas, podendo transformar-se durante o processo de construção da mesma forma, já que minhas reflexões e meu modo de perceber mudam de acordo com as infinitas possibilidades que a própria vida gera.

Considerações Finais:

Até o presente momento, pude constatar através desse pequeno recorte de minha pesquisa, as diferentes formas de um processo de criação poético bem como as diferentes vertentes para a execução dos mesmos. Ao buscar referências artísticas e históricas a respeito da existência de seres irreais e fantásticos ao longo dos tempos, atribuo ao meu trabalho um contexto mais amplo e significativo além de evidenciar minhas próprias reflexões e investigações a cerca do assunto. Através deste pequeno relato, pude evidenciar minha produção de manchas e figuras que se originam a partir das mesmas, relatando meus diversos pontos de vista e evidenciando que as mesmas dependem de minha subjetividade, da minha percepção.

Visto que esta pesquisa encontra-se em andamento, muito ainda tem-se a fazer, a pesquisar, a amadurecer, todavia, é de extrema importância evidenciar que nem sempre obtemos resultados significativos de forma imediata, pois, conhecimentos e experiências se dão com o passar do tempo.

Bibliografia:

GOMBRICH, E.H. Arte e Ilusão. 1 ed. Brasileira. São Paulo. Martins Fontes, 1986.

LORENZ, Jandira. A obra plástica de Eli Heil: ensaio / Jandira Lorenz. Florianópolis: FCC, 1985.

RAILLARD, Georges. A cor dos meus sonhos: entrevistas com Georges Raillard / Joan Miró. 4 .ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.

SILVA, Fernando P. da RIBEIRO, Marília A. (coordenadores). Sara Ávila - Depoimentos, Circuito ateliê. Belo Horizonte: C/ Arte, 2001.

Currículo Resumido:

VIEIRA, Camila de Carvalho. Graduanda em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina.

SILVA, Vanessa Tavares. Mestre em Cultura Visual pela FAV / UFG. Graduada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina. Professora do

departamento de Artes Visuais / UEL, ministrando as disciplinas de desenho e pintura.